

Cultura

Jornal Angolano de Artes e Letras

1 a 14 de Agosto de 2017 | Nº 140 | Ano VI • Director: José Luís Mendonça •

Kz 50,00

BARRA DO KWANZA

Pág. 14

A LENDA DA LAGOA DE XINJAMBUMBA

A actualização do conto remete-nos para um apotexto em que o móbil da lição a tirar é que a repartição de bens numa comunidade deve ser um acto participativo sob pena de ser interpretada como injusta ou desigual.



DIÁLOGO INTERCULTURAL

Pág. 13

“ÉCOLE DE PEINTURE” TEMPLO DE CULTURA

A École de peinture de Poto-Poto, situada no centro da capital de Brazzaville, é, com certeza, a expressão da pintura congolosa. Os princípios estabelecidos pelo fundador da escola, o matemático e pintor Pierre Lods, eram utilizar a arte moderna para representar contos, lendas e tradições africanas, ou seja, criações artísticas a partir da herança cultural do Congo.



LETRAS

Pág. 7

BRIGADA JOVEM DE LITERATURA RENASCE EM LUANDA

Em Maio de 2017, os escritores da nova geração, saídos da BJLA, dos quais se destacam Kanguimbo Ananaz, Tomás Queta Bandula e Ngola Nobre, refundam a BJLL, chamando para o Comité de Honra Lopito Feijóo e António Fonseca, dois dos históricos fundadores da Associação em 1980.

ARTES

Pág. 12

Dionísio Rocha

HOMENAGEADO NA III TRIENAL

Anos de dedicação e empenho em prol da música angolana e no surgimento de toda uma geração de artistas foram o motivo que levou a organização da Trienal de Luanda a homenagear o músico Dionísio Rocha, uma referência do cancionero nacional, cujo legado já tem várias gerações.



LETRAS

Pág. 3

TYITUNDU-HULU LINGUAGEM DO CANTO RUPESTRE

Não há, no Sul de Angola, gente que não saiba que Kimbar é gente que não pode viver sem o carnaval. Assim, eis-nos “contribuindo” no desenho cartográfico e no mapeamento poético-literário do Namibe, nesta aventurada tentativa de compreender porque a marca do pé impregnado nas areias do deserto é ponto de partida para a sincronização de percursos satíricos, ecoar de vozes, já instado a persuadir a linguagem mordaz do canto rupestre do Tyitundu-Hulu.

POEMA

DE LUCIANO CANHANGA



À PEDRA

Cantam alegres
Sempre em grupo
Jovens casadas
Senhoras já preparadas
Moças cobiçadas
Todas prendadas
Viúvas e sengadas

Cantam e contam
Malambas de vidas
Estórias passadas
Problemas solucionados
Assuntos almofadados
Outros tantos exorcizados

E o martelo-pau
Curvo e afável
Contra o milho um lacrau
Tuc, tuc, tuc
"Quando fui moer o milho,
Julgava ser para consumo e negócio...
Serviu para casamento dele com outra!"

Lições passadas sobre a pedra
Onde o milho não resiste ao pau e pedra
E elas cantam o que pensam
Fazendo farinha com destreza!



Cultura

Jornal Angolano de Artes e Letras

Um jornal comprometido

com a dimensão cultural do desenvolvimento

Nº 140/Ano VI/ 1 a 14 de Agosto de 2017

E-mail: cultura.angolana@gmail.com

site: www.jornalcultura.sapo.ao

Telefone e Fax: 222 01 82 84

CONSELHO EDITORIAL

Director e Editor-chefe:

José Luís Mendonça

Editor:

Adriano de Melo

Secretária:

Ilda Rosa

Assistente Editorial:

Coimbra Adolfo (Matadi Makola)

Fotografia:

Paulino Damião (Cinquenta)

Arte e Paginação:

Jorge de Sousa

Alberto Bumba

Sócrates Simóns

Edição online: Adão de Sousa

Colaboram neste número:

Angola: David Capelenguela, Hugo Fernandes, Lito Silva, Luciano Canhanga, Pedro Ângelo, Sandra Poulson

Portugal: Francisco Topa, Pires Laranjeira

Brasil: Mariana Grilli

Normas editoriais

O jornal Cultura aceita para publicação artigos literário-científicos e resenhas bibliográficas. Os manuscritos apresentados devem ser originais. Todos os autores que apresentarem os seus artigos para publicação ao jornal Cultura assumem o compromisso de não apresentar esses mesmos artigos a outros órgãos. Após análise do Conselho Editorial, as contribuições serão avaliadas e, em caso de não publicação, os pareceres serão comunicados aos autores.

Os conteúdos publicados, bem como a referência a figuras ou gráficos já publicados, são da exclusiva responsabilidade dos seus autores.

Os textos devem ser formatados em fonte Times New Roman, corpo 12, e margens não inferiores a 3 cm. Os quadros, gráficos e figuras devem, ainda, ser enviados no formato em que foram elaborados e também num ficheiro separado.

Propriedade



Sede: Rua Rainha Ginga, 12-26 | Caixa Postal 1312 - Luanda

Redacção 222 02 01 74 | Telefone geral (PBX): 222 333 344

Fax: 222 336 073 | Telegramas: Proangola

E-mail: ednovembro.dg@nexus.ao

Conselho de Administração

António José Ribeiro

(presidente)

Administradores Executivos

Victor Manuel Branco Silva Carvalho

Eduardo João Francisco Minvu

Mateus Francisco João dos Santos Júnior

Catarina Vieira Dias da Cunha

António Ferreira Gonçalves

Carlos Alberto da Costa Faro Molares D'Abril

Administradores Não Executivos

Olimpio de Sousa e Silva

Engrácia Manuela Francisco Bernardo

TYITUNDU-HULU

LINGUAGEM DO CANTO RUPESTRE

a voz e a partitura artesã em sincronia



À
Dadeoldina de Sapiência,
Por ser de lá,
Da gente Kimbar.

Da herança pastoril herero
À travessia do kalahari em busca da linguagem do canto rupestre
Até alcançar o balbuciar máritimo
Na recomposição pesqueira do dizer Kimbar:

Na colocação existêncil, os hereros de todos os matizes não podem viver sem gado, pois antes corresponde a uma dinâmica generalizada e geracional de integração inexorável. Daí que o exercício da pastorícia é feito com o prazer do canto, ou pelo assobio orientador ao boi guia da manada ou pelo passo da dança no gesto do apresso do homem herero.

Doutro dito, o que ocorre dizer de imediato é que não há, no sul de Angola, gente nenhuma que não saiba que Kimbar é gente que não pode viver sem o carnaval.

Aasim, eis-nos “contribuindo” no desenho cartográfico e mapeamento poético-literária do Namibe, nesta aventurada tentativa de compreender porque a marca do pé impregnado nas areias do deserto é ponto de partida para a sincronização de percursos satíricos, ecoar de vozes, já instado a persuadir a linguagem mordaz do canto rupestre do Tyitundu-Hulu. No dizer da gente lá, herero, de Tchyitundu-hulu Mulume e Tchyitundu-hulu Mucai, distantes um do outro por cerca de mil metros, convém reter que o primeiro (com cerca de duas mil gravuras, quase todas de tipo geométrico-rupestre, é conhecido como o homem e o outro a mulher). Quanto engenho! Daí, também revestido de sentido de “procriação e maternidade”, em seu corpo de arte, gravuras e pinturas circunferenciais e de traços retilíneos e verdadeiramente labirínticas e de difícil interpretação. Só por isso o Tyitundu-hulu, faz orgulho da sua gente. Só por isso, há a esse respeito, uma referência contínua para a constante reflexão sobre as diversas estruturas culturais e sociais da gente de lá, herero:

“No nosso curral de trãsumância
M`o hambo yetu
Estão uns dois rapazelhos a divertiem-se
Mun`ovindanthu muno`ovindanthu

Com a dança das «posições de chifres»...
Mbidana okhankhula
...“Ameaçam-se e não brigam”...
Dilitangela, kadilu
...“Bois alheios não se inventivam por magnação
Kadiyolwa mukweni
Têm um arrancar perigoso
Dina omutuko omuvi n`omusumo
E um fólege que vai longe”.

DAVID CAPELENGUELA



Mbu uya kokule

Esta antologia reúne os melhores textos de alguns dos muitos poetas da Província do Namibe por nascença ou por adopção. São apenas 18 de entre esses muitos poetas de idades biológicas diferentes, porém unidos no canto ao seu lugar de inspiração.

Cada texto ajuda a compreender o desenho, a uma cartografia e mapeamento poético-literária do Namibe; é uma tentativa de compreender porque a marca do pé impregnado nas areias do deserto é ponto de partida para a sincronia com o rasgar da voz no meio do deserto do Calahari, referência constante para se refletir sobre as diversas estruturas sociais e culturais da gente de lá, Namibe. O organizador espera que o som do tambor kimbar e o recado do chifre herero, progridam na mesma direcção, para que ao soltar-se uma dada calema, o mar além, albergue e comtemple o imaginário hemisférico dos poetas no Namibe.

Assim, no percurso de viagem que nos leva ao encontro dos poetas daquelas paragens, o principal objetivo desta proposta é o de compreender as diferentes maneiras de produção, e (re) significação dos textos poéticos apresentados nesta antologia, buscando em seus pontos de intersecção a sincronia de uma viagem com destino à pinturas rupestres de Tyitundu-hulu, comodiz o poeta:

Sincronia
Na óptica da renovação permanente
No deserto
O viajante está em contínua transformação
Consome e habita um presente vazado
No passado.
O adágio, o provérbio, o canto, o suspiro e o feixe
A que se somam acidentes, desilusões, aventuras, paixões, esperanças e saudades
Engendram exercício de labor e olhar além

E é no valor das coisas imutáveis
Que o novo afina e dá persistência às coisas”.

No cômputo das paisagens orais em literaturas de viagem, no vasto percurso da cultura e identidade do sul de Angola onde a expresividade do canto, do adágio, da máxima, enfim da adivinha, marcam um lugar próprio, muito se tem refletido sobre o lugar da voz na cultura literária, em vários contextos de produção. Esta reflexão remete-nos à ideia de que a poética oral deve ser entendida como expressão da arte que deve ser permanentemente valorizada e reincorporada ao patrimônio cultural nacional. Esse processo de afirmação identitária alastrou-se por todas as sociedades sujeitas às transformações políticas e econômicas daquela época, vindo sob os mais variados aspectos, suscitando questões relevantes que envolvem distintas esferas do conhecimento humano.

Deste modo, e indo ao concreto desta viagem que nos embala ao refresco da Welwitschia Mirabilis, a voz e o sentido são assim reflectidos e manifestados de diversas formas, onde a poesia em sincronia se propõe vital, persuadindo caminhos promissores e de sólida construção estética, numa amplitude que transcende os objetivos da mera poesia. É o que se pode obter na poesia de Franco Mufinda, onde, quiçá, o ser-se epidemiologista e sanitarista incorpora profunda percepção dos “sons anatómicos do ndolondolo”:

“Vi a lua nas terras da planta canibal / Terra da gente que tritura / Mahini com as mãos / Sob olhar atento do som anatómico de Ndolondolo e / Ajuda Judas das águas eternas da Montipa.”

A actividade lúdica de expressão poética performa o espírito humano, construindo em seu enredo, a partir do que se sente e vê, um espaço de convivência entre a visão, a sensação e a voz metafórica, desenhando-se uma perspectiva existencial que se busca no tempo e no espaço. E procurando desmistificar o ser e estar solitário da welwitschia mirabilis, o poeta Kim Sturck, de seu nome Artur Joaquim Futula, pontifica a imensidão do mistério:

“ Tua imensidade pacífica / É uma continência secular / Que traduz paz e tranquilidade / P’ra a prometida Terra da Felicidade”.

Em seu poema, Kim Sturck, enquanto objecto de realce, propicia campo descritivo do espaço/lugar/habit da welwitschia mirabilis. Sugere, pois, um maior entrelaçamento e gera uma percepção de enlances, dando-lhe assim um percentual de refresco:

“...Oh! Verde da nossa aridez / O deserto esfuma no teu abraço / No peculiar côncavo do Tyitundu-Hulu.”

Já, Dadeoldina C, no poema “o médico”, antecipa-se no compromisso da profissão. O texto discorre sobre a objectividade do sentir e olhar do presente, não raro, ocorrer em registos nos quais, por força de um olhar etnocêntrico (centrado em seus próprios referenciais do exercício académico), faz da voz poética representações concretas, embora fragmentadas, mas, portanto, distanciadas da simples inspiração poética. São palavras com voz e vez centradas na futura profissão:

“O médico / Tem indício de asas suspensas no ar / E em seu ser apátrido / Sua pátria / É o corpo que deseja consagrar vida / De mão sábia

Saiba dele pelo olhar e tacto / O seu poderoso dizer / Está no destroço ou alívio

Que lhe causa o sim ou não / Do diagnóstico / Obtido da pulsação cardíaca do paciente.”

Como dissemos no princípio destas notas, não há, no sul de Angola, gente nenhuma que não saiba que kimbar é gente que não viver sem o carnaval. E sobre isso, quem sabe, Dadeoldina C, enobrecer seu bairro, “forte Santa Rita:

“Em sua santidade de íntima fracção / Guardas segredos de amor / Que medito / Em cada onda do mar / Domada/E transformada em parenteses / Que abri nos lábios da aventura / Às vezes sinto-me mal / Mas quis o destino / Que da euforia do carnaval / Da gente de lá Kimbári / Fosse o ponto de partida”.

Nas vestes de filho de gente pescador, Nelo Santos empreende demonstração de poeta maduro, mas acima de tudo de artesão compreendido de sagacidade, a partir da qual menciona, com abrangência, campos sobre a sensibilidade da poesia moderna seja com ênfase sintética, ou como voltados a campos específicos da poesia onde, por exemplo, o mar se alicerça para refletir sobre a noção de sinais do novo amor, ao persistir em promover as voz no altar da cidade e, a partir de lá, deixar-se embalar, amparado do abraço apertado:

“Se as tuas lágrimas / Forem pingos de água de chuva / Eu quero ser / Um pingo dessa água / Se o teu coração / For o céu azul claro e límpido / Eu quero ser / O teu arco-íris / Se o teu brilhante sorriso / For como a luz do sol / Eu quero ser / “Um raio dessa luz.”

Sobre a poesia em prerformance de Nelo Santos, a África, continente berço, encontra um lugar precedente, onde destaca um factor importante que diz respeito à ilimitação da voz e letra. Neste aventurado vôo ao encontro de África, em seu relato de vaigem, o autor engendra riqueza de informação amorosa, ponderando a necessária filtragem, para que se possa distinguir a voz do observador da voz do objeto observado:

“A África tem o mar / Que prende o olhar e homem que chora / Quando Abraça o silêncio porque sabe amar / A África tem luar que acorrenta a fala / Tem mulher que canta no gingar / Beija e declara amor antes da madrugada chegar / Minha, / Tua

Nossa África / É um presente cimentado na força do querer / Despida de ciú-



mes mas apaixonada / A ti ... todo o meu amor.”

Kinemuna, instado ao exercício de expor sua imaginação poética, no poema a que dá o título de “persistência”, passa a ser o espectador e repórter. No lastro laboral-reflexivo, abordando o campo da sensação da alma, cujo escopo da acção é sempre voltado à expressão do sentimento e corpo:

“O eco de gritos e de cantos / No campo derrubava / Acorrentado / Transmitindo mensagem / De tristeza sobre sufocados corações / E no campo/Cantando e lavrando / Chorando acorrentado / Chicoteado e gritando / Havia gente com esperança / Para manhãs de sol brilhante / E até o mundo escutou / O tudo para sentir / Para dizer / Para sorrir.”

Babi, ou Ellen Daniel Kapembex de seu nome completo, explica a dinâmica expressiva do seu texto poético, projectando novas fórmulas, tendo como fulcro as visões e sensações arquetípicas próprias que, por vezes, a madrugada impõe através dos enterros. “O enterro aqui, é de forma restrita, o resgate de um tesouro encantado que, por meio de forças sobrenaturais, revela-se a um escolhido.” no acto da fala, tais visões, passíveis de serem associadas a mitos, lendas e lugares assombrados, podem, sempre que o poeta instado ao exercício da sua actividade as quizer revestir de outros corpos, ofuscar, ser superadas:

“Nesta madrugada de sexta-feira / Perturbações / Sobre o meu respirar / Decepções vagueiam em meu pensar / Como que desilusões / Fardadas de branco / Mas amanhã / Outro dia o de seta-feira / Trará / Nova fórmula de encarar a vida / Ávida ainda pelo luzir que oferece / Mais suave / Solta de estar e ser / Em seu luzir de céu aberto.”

O corpo, ser e o espírito, sempre que levados pelo esforço de existir, transcendem as barreiras das crenças pessimistas e, frustradas das amarras, despreendem-se do espaço tracejado e vão para além dos hemisférios, em busca de outra sensação do ser apátrido, ao encontro do alimento preponderante da alma. A fé cristã:

“Entre rezas e preces / Orações e adorações / No meio de gritos e petições / Sulca o azul / No diálogo consentido / Que abro com a folha virgem / Da página branca / Estou grata por ser a escolhida / No meio do murmúrio de vozes.”

Posto isso, o que ocorre dizer em gesto de conclusão é que “a palavra poética preenche os tempos vazios de que é feita a segura do homem incompleto e lança a primeira pedra simbólica de um sonhado «edifício» de uma «cidade» ausente. O poeta inventa um remédio contra a «peste»: quebra o silêncio sonhan-



do-se tambor”...

No contexto da produção estético-literária dos jovens poetas do Namibe, se “o pintor inconventional que se vale da cor para impressão simbólica” perpetuar equilíbrio nos tons e sons do passo, na dança kimbar e arte herero, para demonstrar que a criatividade tem maior significância do que a mera intenção e que toda arte pressupõe habilidade, é certo esperar-mos então, que o som do tambor kimbar e o recado do chifre herero,

progridam na mesma direcção, para que ao soltar-se uma dada calema, o mar além, albergue e contemple o imaginário hemisféico destes poetas, ainda em tempo de linguagem do canto rupestre. Não fosse por isso, Lopito Feijóo, co-fundador da Brigada de Literatura de Angola, já avisado, ter-se antecipado em dizer:

“A poesia conquistará tonalidades liferentes

Diante do chilrear magnífico das espécies do mato...

... os poetas para alívio de todos confundir-se-ão no ser dos cometas o amor será

o mesmo será comum será de toda parte o amor”...

Quiça, só por isso, “Pamba Nzambi, nasceu um dia e não morre mais”.

Bem hajam!

Saurimo/Luanda/Lubango/Namibe, aos 12 de Setembro de 2016.

DESEMPOEIRAR AS TRADIÇÕES

E PROMOVER A INDEPENDÊNCIA DAS MULHERES

Uma estreia é sempre um acontecimento, em qualquer âmbito da vida humana. No conto angolano, como nos outros géneros e subgéneros literários, as mulheres escritoras continuam em extrema minoria. Com este livro, KokolodyammyMiguelitus (Antónia Domingos) torna-se a mais recente escritora angolana, encorpando a escrita de autoria feminina e alargando a temática e ambiência do conto, ao aproveitar conhecimentos de origem castiça para recriar esteticamente vivências no interior de Malange e na grande cidade de Luanda. É importante, por isso, continuar a ter uma visão patrimonial quanto à literatura angolana, deixando florescer os vários modos de abordar a escrita. Neste caso, como se verá, o peso da escrita “tradicionalista” faz-se sentir na urbanidade da crítica e na apropriação das histórias próprias em estórias de aproveitamento e exemplo.

A nova autora tem sido docente do ensino básico, médio e superior, em Coimbra e Luanda, e é doutoranda da Faculdade de Letras da Universidade



Livro de estreia de Antónia Domingos

de Coimbra, no Programa de Literatura de Língua Portuguesa – Investigação e Ensino. O seu doutoramento foca-se em romances angolanos cujo enredo, meio social e aspectos culturais se situam no interior de Angola ou, passando-se em ambiente urbano, relevam de tradições antigas, castiças, antropologicamente campesinas, estudando desde Óscar Ribas, UanhengaXitu ou Boaventura Cardoso até Cikakata Mbalundu. Embora não fazendo parte do seu objecto de estudo, pode-se acrescentar Jacinto de Lemos ou Gociante Patissa como outros escritores que rastreiam as vivências populares do musseque ou de regiões interioranas. Antónia Domingos tem consciência de a escrita sobre ambientes urbanos (que mostra vivências aspirando a alguma mundanidade) ser marca da modernidade, mas não abdica do aprendizado da cultura de radicação rural, tradicional, oral. Não há dicotomia ou antagonismo. Antes uma verdadeira fusão de processos, fruto da assimilação de técnicas muito diferenciadas, de quem percorreu um ex-



PIRES LARANJEIRA
(UNIV. DE COIMBRA – CLP/FCT)

tenso caminho de vida e, depois de dar testemunho dos malefícios de certas crenças enquistadas no coração da etnicidade (como no livro que publicou sobre a feitiçaria, resultante da sua dissertação de mestrado), vem agora mostrar como comportamentos sociais mesquinhos e atrofiadores podem provocar atrasos degradantes nas aspiração das mulheres à cidadania de plenos direitos e poderes.

Tendo nascido e sendo criada na localidade de Cacuso (Malange), a autora transporta para as suas estórias uma matéria ficcional devedora desse entorno de que se reivindica – o do interior – em que as pessoas se dedicam à agricultura nas pequenas lavras e criação de animais de capoeira equitáliao. É por isso que a graça da linguagem advém menos da lição de Luandino Vieira do que de Uanhenga Xitu, e muito menos de uma aprendizagem livresca do que do manejo de uma lín-

gua portuguesa assente no linguajar quotidiano de comunicação pragmática. Há, nesses textos, um quid coloquial de amabilidade e graciosidade, a que não falta, em contraponto, a ironia corrosiva como tempero cómico-dramático do choque de interesses sócio-culturais e de género/sexo.

A categoria da narrativa que dá pelo nome de narrador é, no seu caso, sempre uma entidade com tendências pró-mulher (para não afirmar que é feminina, o que seria arrojado), e isso significa que a autora está consciente de que envereda por uma via de banda larga, aberta à crítica social. Cria movimentações em torno de temas e problemas da vida de mulheres numa aldeia do interior e de Luanda da classe média, abordando algumas tradições anquilosadas, que se relacionam inclusive com a sexualidade, o machismo e o patriarcalismo, o que constitui um toque de novidade, visto partir de uma mulher. Pelo menos, não há qualquer tradição em Angola de prosas desse tipo novo, que é um pró-feminismo, mitigado que seja, do modo como se apresenta. E esse modo inclui técnicas do conto de acção trepidante fornecida sobretudo através dos diálogos vivos, a frase curta e seca, a conversação de ritmo rápido e fluente, o uso do kimbundu coloquial, a crítica de costumes, as ações prevalecendo sobre as descrições, os temas apresentados com grande nitidez, sobressaindo a tradição iniciática dos pré-adolescentes, a emancipação feminina, as intrigas e maledicências ou a ascensão social, além da importantíssima maneira da adaptação das fórmulas de parábola tradicional ou de moral ética e didáctica. Antónia Domingos, dita KokolodyammyMiguelitus, arrisca-se a ganhar uma reputação de arrojo e enfrentamento da ordem literária masculina, se assim se pode dizer, numa perspectiva também arrojada, porque cria uma narrativa que, inscrevendo-se numa tradição africana e, mais particularmente, angolana de extracção tradicionalista, por usar alguns processos de coloquialidade simples e desenvolta, na linha de um Amadou Hampâté Bâ, obviamente com o saber caluanda e cacusiano, desvela processos de alienação feminina através de um discurso curto e directo, com humor corrosivo e crítica social, numa via muito diferente, por exemplo, de um João Melo.

Os contos constituem-se, antes de mais, como questionadores dessa ordem estabelecida, que tende a diminuir o valor absoluto das mulheres na pirâmide social, na medida em que elas questionam não só o seu papel na família, quanto na sociedade, e veja-se como Samilande descarta normas e preceitos, ao arrepio dos costumes e direitos consuetudinários, projectando uma actuação muito moderna em meio conservador, cuja finalidade só pode ser a sua saída pelo mundo, ao encontro de novas atitudes, com as quais possa ser aceite sem constrangimentos. Neste momento, somente a



escritora moçambicana Paulina Chiziane (e talvez a cabo-verdiana Dina Salústio) constrói narrativas que rompem com o domínio patriarcal e machista e, ainda assim, apresentando certas limitações quanto a um qualquer feminismo moçambicano. No caso de Kokolodyammy, não se podendo detectar um assumido feminismo, anote-se todavia uma tensa inquirição (às vezes, enfurecida) do exercício do poder masculino no relacionamento dos casais e a dura crítica implícita e explicitada. A crítica estende-se também às mulheres alcoviteiras e mal intencionadas, por apresentarem comportamentos de uma indignidade desavergonhada. Talvez por isso, será exagerado taxar estes contos de feministas; bem pelo contrário, eles foram escritos como que para testemunhar – ficcionalmente, lembre-se – os constrangimentos de vidas que somente podem ser vividas com fortes restri-

ções à liberdade de ser, sentir e fazer. Quando uma mulher anseia por outros modos de ver e viver uma vida, que se distinga do estabelecido, pode sujeitar-se a graves consequências. Não se deve tomar em consideração-homólogas entre a biografia da autora e certos dados que as narrativas fornecem ao leitor (ou à leitora), mas convém não perder de vista a ideia de que esses casos, como diria Luandino Vieira, em Luanda, se não aconteceram, podiam ter acontecido.

Desse modo desinibido, a acção dos contos é constituída por acontecimentos em que as mulheres são inimigas de si próprias enquanto colectivo generalizado. Veja-se o comportamento de Mana Mbuçelo, que parece uma “comadre” da má língua, saída de Gil Vicente, e a Mana Canalende, que aprecia Samilande, a protagonista-mor destas estórias. Desde a calúnia da perda da virgindade (como se

isso fosse, em tempos modernos, um “pecado”), num meio em que convivem tradições antiquíssimas, modos de assimilação parcial do pior e do melhor da cultura dita “ocidental” (capitalista, imperialista e também humanista) e o avanço da independência feminina (Samilande), a crítica à Igreja católica, até à vida conjugal, familiar, social, com os mujimbo, circuncisões (a fantasia do coelho que arranca peles de prepúcio), tocando no patriarcado e machismo do poder mais-velho (o pai bêbado que exerce repressão familiar), o assédio do juiz, as promoções a troco de sexo de pessoas desqualificadas, não deixando de salientar a linguagem saborosa, é todo um universo de atitudes, crenças, comportamentos e conflitos que impedem a libertação das mulheres angolanas, nestas estórias simbólicas da muita história angolana de desalienações várias.

A LUTA CONTRA O ESQUECIMENTO SOBRE UM POEMA DE JOSÉ LUÍS MENDONÇA

No âmbito de um seminário do Mestrado em Estudos Africanos da Universidade do Porto, abordei com os meus alunos a obra poética de José Luís Mendonça, que me parece uma das mais interessantes do panorama actual da literatura angolana. Entre as actividades previstas contava-se a apresentação por cada estudante da análise de um texto da coletânea Africalema, tendo resultado daí uma experiência interessante: um dos participantes, Thomas P. Wilkinson, um professor alemão de origem norte-americana, propôs como ponto de partida do seu trabalho a tradução para inglês do texto «Habitação», pertencente ao volume Ngoma do negro metal, de 2000.

Rapidamente verificámos todos que o problema maior não estava na escolha das palavras inglesas que melhor pudessem corresponder ao original português, ainda que aquilo que parecia óbvio se revelasse progressivamente mais complicado: Como traduzir o título? “Habitation” ou “House”? Como dizer “Às portas”? “By the doors”? Mais difícil que estas e muitas outras decisões (num curto poema de sete versos) revelou-se contudo a interpretação literal do texto, como sempre acontece aliás com a verdadeira poesia, por natureza refractária a uma leitura unívoca.

A referência ao rio, ao “caminhar dias a fio”, aos navios que “dão à luz a inexistência do real”, a “uma máquina de contabilizar o esquecimento” parece apontar para a experiência histórica da escravatura, que o sujeito – “De faxina à poeira” – assume como sua, numa casa por isso mesmo situada “Às portas do mundo”. Uma leitura mais fina depara-se porém com uma série de dificuldades, agravadas pela ausência de pontuação. Apesar disso, o autor recorre à maiúscula inicial nos v. 1, 3 e 6, o que nos permite considerar o poema como

sendo formado por três momentos.

Nos dois primeiros versos, a “habitação” do título dá lugar ao mais concreto “casa”, cuja localização é definida por referência ao mundo, a cujas portas se situa: o lugar a que o sujeito chama sua casa está assim fora do mundo, embora próximo dele. Que esta casa tem um sentido metafórico comprova-o a sua identificação com “este / rio”, um sintagma cindido em dois versos, o que sugere alguma forma de crise no sujeito, tanto mais que o encavalamento não supera totalmente essa quebra. O não uso de pontuação faz com que a oração relativa do segundo verso possa ser lida tanto como restritiva quanto como explicativa. Independentemente disso, fica claro que este rio “não dorme”, surgindo no entanto nova dúvida: “não dorme como um rio”, isto é, não dorme como um rio costuma dormir, ou não dorme como nenhum rio dorme, dado que não é da natureza dos rios dormir? A segunda hipótese parece fazer mais sentido, tanto mais que o rio é habitualmente tomado como símbolo de movimento, de mudança. Sendo assim, a casa do sujeito é definida pela impermanência, pela instabilidade, pelo estado líquido, assumindo-se mais como a “Habitação” do título, como uma morada espiritual, como a morada do ser de que falava Heidegger referindo-se à linguagem.

Nos três versos seguintes surge um “tu” cujo referente não é explicitado. O facto porém de o verbo estar no imperfeito do indicativo (“Precisavas”) sugere, junta-mente com a referência a um caminho longo e aos navios, que se trata de um antepassado histórico do sujeito, o africano escravizado, arrancado do interior e levado para o litoral, caminhando “a planície” (e não ao longo dela), onde havia navios que “dão à luz a inexistência do real”: os navios que geram a inexistência, que

apagam a existência, são navios para os quais os rios – que não dormem – passam a ser planícies.

Resta assim ao sujeito, como se diz no dístico final, ficar “De faxina à poeira”, pre-servar a memória histórica, fazer da sua casa, fazer da sua palavra, “uma máquina de contabilizar o esquecimento”. Seria este o caminho para superar a cisão e a instabilidade e fazer da habitação uma casa estável e permanente.

De um modo simultaneamente contido e aberto, José Luís Mendonça oferece-nos em «Habitação» uma interpretação pessoal do homem africano, num poema que representa bem a dicção elíptica e tensa que caracteriza a sua poesia.

Para terminar, vejamos então o resultado final da experiência de tradução para inglês conduzida por Thomas P. Wilkinson:

Habitation

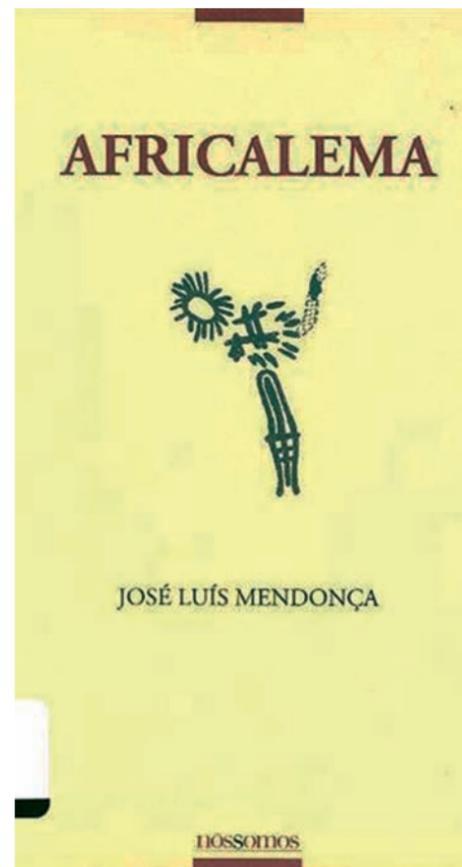
By the doors of the world my house
is this
river that does not sleep like a river
You needed to walk day by day
the plain where the ships that had
given birth to the non-existence of
the real
Cleaning the dust and a machine
to account the oblivion

Africalema (102 poemas escolhidos). Vila Nova de Cerveira: Nósso-mos, 2011.

Transcrição do poema: «Habitação // Às portas do mundo a minha casa é este / rio que não dorme como um rio / Precisavas caminhar dias a fio / a planície onde os navios que havia / dão à luz a inexistência do real / De faxina à poeira e uma máquina / de contabilizar o esquecimento» (p. 102).



FRANCISCO TOPA



BRIGADA JOVEM DE LITERATURA FÉNIX RENASCIDA EM LUANDA

Em 1980, nascia na capital angolana, a primeira associação cultural sem traços político-doutrinários, numa época em que a divisão do Mundo em dois blocos ditava, para os países do Terceiro Mundo, um determinado alinhamento, estando, pois, Angola, sob um regime de partido único. Como não podia deixar de ser, esta associação – a Brigada Jovem de Literatura de Luanda (BJLL) – viria a extinguir-se

nos finais de 1990, para ser enquadrada na Brigada Jovem de Literatura de Angola (BJLA), com núcleos em quase todas as províncias.

Em Maio de 2017, os escritores da nova geração, saídos da BJLA, dos quais se destacam Kanguimbo Ananaz, Tomás Queta Bandula, Ngola Nobre (que já publicou obra sob o pseudónimo de Ngola Avô Ngola), Mário Embondeiro, Alice Fernandes, Sara

Gamboa, Miguel Makumwena, Pailo Tatório, Jeremias Alexandre, Scott Cambulo, Louro António Domingos, Paulo Niengue, Inácio Kandeiro, David Capelenguela, Rafael Sadi e outros, refundam a BJLL, chamando para o Comité de Honra Lopito Feijóo e António Fonseca, dois dos históricos fundadores da Associação em 1980.

O que terá motivado Ngola Nobre e seus pares a empreender este renasci-



mento ou restauração da BJLL?

O primeiro motivo, diz-nos Nobre, “esteve ligado ao facto de a Brigada representar uma plataforma que tem uma certa mística no campo literário nos anos 80. Queremos devolver-lhe essa mística nos dias de hoje. Expusemos a ideia aos fundadores, Lopito e Fonseca. Eles deviam necessariamente ser consultados”, explica o secretário-geral da BJLL.

Não foi de ânimo leve que a direcção petrificada da velha Brigada Jovem de Literatura de Angola (BJLA), comandada pelo poeta já mais-velho, Kudijimbe, olhou para a iniciativa dos jovens. Aquela direcção deu uma resposta desfavorável ao projecto de restauração da Brigada Jovem de Literatura de Luanda. É curioso que as brigadas jovens das outras províncias aceitaram com regozijo esta mesma iniciativa. “Aqui em Luanda, é que não”, lamenta Nobre, “mas nós achamos que Luanda também tem direito a um núcleo. Eles nunca nos contactaram de modo formal. Falam de modo informal. De qualquer forma, estamos abertos ao diálogo.” O segundo motivo, explica Ngola Nobre, “reside no



facto de nós, jovens poetas, nos sentirmos de mãos atadas. A BJLA devia outro papel: apoiar as nossas iniciativas. Nunca apoiaram.”

O grupo de jovens escritores sente-se galvanizado pelo exemplo das gerações precedentes, prosseguindo o trilho do lema “Vamos Descobrir Angola, compartilhando ideias dos nacionalistas e intelectuais que desencadearam grandes realizações no processo da identidade político-cultural e no domínio das letras em particular.

Assim, diz Nobre, a concluir, a recriação da BJLL tem em vista devolver aquela mística à comunidade nacional, resgatar valores, princípios, restituir a matriz literária luandense. Para que continue a contribuir para o processo de produção da literatura angolana, a BJLL vai, dentro do quinquénio 2017-2021, desenvolver intensas actividades e projectos de várias dimensões, dentre os quais se destacam o lançamento de antologias e a criação de uma plataforma digital. Fénix renascida das cinzas que a consumiram durante 27 anos, a BJLL quer voar alto e elevar as letras dos jovens ao alto patamar que a Literatura Angolana já alcançou no país e no mundo.

AS FLORES DE MAIO

As flores de Maio, em Portugal, preenchem as cidades e os campos de suaves cheiros e cores primaveris. Cheira a jacarandás lilases por todos os passeios, amores-perfeitos em todos os canteiros, a margaridas amarelas em todas as janelas, a papoilas vermelhas no caminho dos escaravelhos, brotam o bom tempo e a alegria, e inspiram as letras aos escritores.

Este ano, as flores de Maio, foram pessoas, foi o Benfica que se tornou tetra Campeão Nacional (de Portugal), foi o Salvador Sobral que ganhou o Festival da Eurovisão, e foi sua Santidade o Papa Francisco que visitou o Santuário de Fátima onde ofereceu uma rosa de ouro a Nossa Senhora.

E foi também a língua portuguesa que uniu os seus falantes, a 26 e 27 de Maio de 2017, no Encontro de Escritores, organizado pela Câmara Municipal de Odivelas, na pessoa do Vereador da Cultura, Edgar Valles, inserido na VI Bial de Culturas Lusófonas que se realizou na Cidade de Odivelas, situada a Norte da Capital do Fado, Lisboa.

Odivelas, conhecida por cidade de El Rei Dom Diniz, possuidor de dois cognomes, “O Lavrador”, pelo seu incentivo ao desenvolvimento da Lavoura e “O Poeta”, pelo seu brilhante desempenho nas artes líricas, e principalmente pela origem do próprio nome da cidade.

Segundo a lenda, El Rei Dom Diniz fazia visitas frequentes à amada, no Mosteiro de São Dinis e São Bernardo, onde se encontrava com outras suas rainhas.

Certo dia, a Rainha Dona Isabel antecipou-se à passagem do Rei e, escondida atrás de umas árvores, decide esperá-lo. Quando o coche de El Rei Dom Diniz ia a passar, dirigindo-se para o convento, ela surpreende-o e diz-lhe “Ide vê-las Se-

nhor”, e por evolução da língua portuguesa, deu origem ao nome Odivelas.

Lembro aqui que as edições anteriores desta Bial de Culturas Lusófonas, da qual assisti a uma delas, tiveram como curador o escritor e poeta Mário Máximo.

A união dos povos deve-se a vários factores, sendo alguns deleshistóricos, de cooperação, de amizade, e linguísticos. E esta Bial é uma oportunidade de discussão do que se escreve na Língua de Camões, em territórios colonizados por Portugal, como Angola, Brasil, Cabo Verde, Guiné – Bissau, Moçambique, São Tomé e Príncipe, Timor - Leste, Damão, Diu, Goa, Macau, Malaca ou naqueles onde o português é também ensinado e valorizado como na Hungria, Marrocos e na Guiné-Equatorial. Este último país adoptou o português como uma das línguas oficiais ao lado do Espanhol e do Francês.

Da Diáspora Angolana estiveram presentes Ana Paula Tavares, Regina Correia, Ondjaki, Jorge Arrimar, Victor Ramalho e, dos residentes na terra mãe, esteve o poeta Lopito Feijó K., e a actriz Aminata Goubel.

Esta tertúlia que juntou escritores, editores e falantes da língua portuguesa esqueceu-se do destinatário do seu produto final, o leitor. Será que se está a ler o que se produz e edita?

E as línguas nacionais ou autóctones dos diversos países apelidados de lusófonos, que enriqueceram e foram enriquecidas pelo português, porque não terem o seu espaço nos futuros encontros?

E como o português arcaico ainda faz parte de um pouco de nós, continuamos a discuti-lo em fórum próprio, ao ar livre, de mesa cheia ao sabor de um almoço de bacalhau à Lagareiro, embelezado pelas cores fortes dos trajes antigos na Feira Medieval de Odivelas, no Jardim do Largo Dom Dinis onde se situa o Mosteiro Dom Dinis e São Bernardo, fundado no século XIII. A marmelada branca, produto original de Odivelas, faltou para nos adoçar as bocas sedentas de letras.

O pão saloio que acompanhou o nosso bacalhau era esburacado, mas não era de rosas. Também não era o pão que a Rainha Santa Isabel levava consigo no regaço, para dar aos pobres, quando foi interceptada por seu esposo, o Rei Dom Diniz, e perguntada por ele o que levava consigo.

- São rosas, Senhor, respondeu a Rainha.

Foram estas rosas que floriram o mês de Maio em Portugal e mais propriamente em Odivelas. A música do percussionista Marco Santos, acompanhado de alguns instrumentos musicais africanos e de sonoridade da nossa fonia, com a poesia recitada por Regina Correia, e Olinda Beja, declamada por Aminata Goubel e lida por mim, não deixou ficar em maus lençóis os poemas de Zepto Gonçalves, Lopito Feijó K.



SANDRA POULSON



Poema de Lopito Feijó
K.

*Os passos dos peixes de cá e de lá
Os passos dos peixes sentem-se
Na ponte entre dois oceanos
Ao passar um barco
Assobiando. Os passos dos peixes
Provocam gemidos
Das ondas dos passos no meio do
mar
Agregados pelos sarcásticos
Passos dos peixes
Ao ritmo da furiosa lentidão
Vigorando em todo o aquário
Reino desmascarado
Pelo afrodisíaco (a) mar animal!*

Luanda Junho de 2017



ACADEMIA ANGOLANA DE LETRAS ELEGE NOVOS MEMBROS

A Academia Angolana de Letras (AAL) abriu, a 8 de Março de 2017, o concurso para preenchimento de vagas existentes para membros efectivos e correspondentes, em conformidade com as alíneas 1 e 3 do Artigo 9º do seu Estatuto. Após a apresentação das candidaturas foram estas analisada pela Comissão Ad-Hoc criada para o efeito, com base nos critérios definidos no Estatuto da AAL, e nos demais ligados à carreira científica, literária, perfil profissional, idoneidade e prestígio, sendo que as vagas existentes obedecem ao princípio do numerus clausus e são preenchidas por eleição, mediante escrutínio secreto e directo.

Em devido tempo, a Comissão Ad-Hoc procedeu à apreciação de processos dos candidatos, à luz dos requisitos de admissibilidade, tendo seleccionado



Fátima Viegas é um dos novos membros da academia

2. Fátima Viegas, com 71%;
3. Albino Carlos, com 71%.

Estes três novos membros efectivos deverão apresentar as suas orações de sapiência no acto de celebração do primeiro aniversário da AAL, da qual constará também a cerimónia solene de admissão de membros efectivos, a ter lugar no dia 15 de Setembro de 2017, no Memorial Dr. António Agostinho Neto.

O PCA da Academia, Boaventura Cardoso, recordou durante a assembleia-geral, que os candidatos não eleitos agora são perfeitamente elegíveis em futuros processos de candidaturas. Sobre as candidaturas para membros correspondentes, a assembleia-geral deliberou que se crie um "numerus clausus" a integrar nos Estatutos e que rondaria os 25 membros, e que este processo pudesse ser examinado numa fase posterior.



Albino Carlos recebeu votos de confiança

cinco candidatos, nomeadamente, Albino Carlos; David Capelenguela; Domingos Florentino (Marcolino Moco); Fátima Viegas e Filipe Zau, os quais submeteu à Assembleia-Geral para votação. No dia 6 de Julho de 2017, teve lugar na sede da União dos Escritores Angolanos (UEA) a Assembleia Geral extraordinária da Academia, destinada à eleição dos candidatos a membros efectivos. Após intensa discussão, a assembleia decidiu que, para um candidato ser admitido como membro efectivo da AAL deve receber 2/3 de votos favoráveis dos membros presentes, ou seja, pelo menos 70% dos votos favoráveis, pelo que, o conclave passou à votação secreta e directa. Da contagem final dos votos, foram eleitos três novos membros da Academia, a saber:

1. Filipe Zau, com 93% de votos favoráveis;



Filipe Zau é um dos três seleccionados

ANGOLA

OS LEGADOS DO PASSADO, OS DESAFIOS DO PRESENTE

Conferência Internacional

Chamada a Contribuições até
30/09/2017

O Centro de História da Universidade de Lisboa, o Centro de Estudos Africanos da Universidade do Porto, o Centro de Estudos Internacionais do ISCTE-IUL e o Instituto de História Contemporânea da Universidade Nova de Lisboa organizam a Conferência Internacional Angola: os legados do passado, os desafios do presente.

Quinze anos volvidos sobre o fim da sua longa guerra civil, Angola permanece um campo de estudos desafiante para a história e as ciências sociais, conforme se pode verificar pela recente publicação de várias monografias sobre a trajectória histórica desde o período pré-colonial ao boom económico pós 2002. Ainda assim, são muitas as interrogações. Por exemplo, a eleição presidencial anunciada para Agosto de 2017 poderá representar um novo ciclo político? Ou, independentemente desta eleição, permanecerá a actual configuração política e social? No mesmo sentido, haverá uma continuidade no modelo económico?

Este será, portanto, um momento oportuno para se promover uma reflexão, quer da perspectiva histórica, quer das ciências sociais, acerca de Angola. No processo de construção do país independente, de que modo pesaram os lastros do passado? Em que medida os avanços e os constrangimentos poderão ser imputados ao colonialismo ou em que medida derivam das contingências e das políticas desenhadas após a independência? Ou, ainda, como é que o ambiente externo e a inserção de Angola na economia mundial têm condicionado ou poderão contribuir para o desenvolvimento económico?

Nesta Conferência multidisciplinar pretendem-se balanços da história e de outros campos do saber acerca de Angola aliados à reflexão sobre o devir do país. O objetivo da Conferência é abrigar debates sobre novos objectos e perspectivas sobre a história política, económica e cultural de Angola, revisitando questões consagradas pela historiografia, e abordar temas e problemáticas relevantes para a Angola do presente.

As comunicações, de 20 minutos, poderão ser apresentadas em português, espanhol, francês e inglês e devem ser submetidas no formulário disponível nesta página.

Prazo para submissão
de propostas: 30/09/2017
Notificação
de aceitação: 16/10/2017
Divulgação
do programa: 30/10/2017

O Centro de História da Universidade de Lisboa

O Centro de História da Universidade de Lisboa (CH-ULisboa) é uma das unidades mais antigas no panorama da investigação das Humanidades e Ciências Sociais em Portugal. Foi fundado por Virgínia Rau, em 1958, em resultado da divisão do antigo Centro de Estudos Históricos e Arqueológicos. No final dos anos 70, voltou a incorporar a Arqueologia, até este campo científico se autonomizar definitivamente em 1994. Durante mais de meio século, o CH-ULisboa tem mantido uma actividade contínua, que a publicação de revistas científicas comprova: Do Tempo e da História, Clio (série I e II) e Cadmo, continuando esta última ainda em publicação. O Grupo de Investigação Arte e Imagem foi a sede da revista Artis, que se transferiu com o Grupo, após o processo de avaliação de 2007, para o Instituto de História da Arte. O CH-ULisboa foi, também, pioneiro no desenvolvimento de projectos de investigação a nível internacional.

Desde o final dos anos 90, o CH-

ULisboa adaptou-se às novas exigências de uma investigação sólida e creditada, reforçando o seu corpo de investigadores pós-doutorados, e tendo investido fortemente na formação, em conjunto com outras unidades de investigação na área de História (UNIARQ - Centro de Arqueologia) e em articulação muito próxima com o Departamento de História da Faculdade de Letras. Por todas estas razões, O CH-ULisboa ocupa um papel único no âmbito da Universidade de Lisboa, constituindo a sua única unidade de pesquisa inteiramente dedicada à História.

No âmbito do novo quadro do Regime Jurídico das Instituições de Ensino Superior, o CH-ULisboa votou novos estatutos, em Novembro de 2009, que apresentaram duas novidades principais, com reflexos na sua actuação: a Comissão Coordenadora, composta pela Direcção e pelos responsáveis pelos Grupos de Investigação (GI), e a Comissão de Acompanhamento Externo, composta pelo Director da Área de História da Faculdade de Letras da Universidade de Lisboa, pelo Director da própria Faculdade de Letras e por três investigadores de reconhecido mérito, externos à Universidade de Lisboa. O objectivo foi o de reforçar a coerência estratégica dos grupos de investigação e assegurar a presença de mecanismos internos de avaliação, preliminares aos processos de avaliação implementados pela agência pública nacional para o financiamento da investigação em ciência, a Fundação para a Ciência e Tecnologia.

A unidade de investigação tem vin-

do, nos últimos anos, a redefinir claramente as suas opções estratégicas, de acordo com três princípios nucleares: a concentração de práticas de trabalho, a coerência temática e a construção de redes, nacionais e internacionais. Ao mesmo tempo, mantém o compromisso com a formação de mestres e doutores, com o acolhimento de pós-doutoramentos e com a divulgação do conhecimento para diferentes públicos. A investigação presentemente desenvolvida está em linha com a agenda científica internacional, em particular no que se refere aos desafios sociais. Ao nível das práticas metodológicas, privilegiam-se no interior do CH-ULisboa as abordagens direccionadas para a história global, numa perspectiva de história comparada e conectada. Em paralelo, é estimulada a complementaridade e a colaboração no interior da equipa de investigação, designadamente através da promoção de projectos de investigação em parceria e da organização de eventos científicos.

Actualmente, o CH-ULisboa é composto por mais de uma centena de investigadores doutorados, ultrapassando largamente a meia centena de investigadores não doutorados, número que traduz o gradual ingresso de novos elementos, especialistas e académicos em pós-doutoramento, e o acolhimento de jovens investigadores, que desenvolvem correntemente teses de mestrado e doutoramento. No seu conjunto, a equipa de investigação da unidade é responsável por uma ampla produção científica, com impacto nacional e internacional, cobrindo um largo horizonte temático, cronológico e espacial.



ANGOLA: OS LEGADOS DO PASSADO, OS DESAFIOS DO PRESENTE

CONGRESSO INTERNACIONAL



“ÉCOLE DE PEINTURE” É TEMPLO DE CULTURA NO CONGO

A *École de peinture* (Escola de pintura, em português) de Poto-Poto, situada no centro da capital de Brazzaville, é, com certeza, a expressão da pintura congoleza. Criada em 1951, ela fica no bairro homónimo e conserva sua tradição graças à habilidade original de seus artistas. A notoriedade da escola se deu durante a época pré-colonial e depois de mais de meio século ela não perdeu sua reputação.

Os princípios estabelecidos pelo fundador da escola, o matemático e pintor Pierre Lods, eram utilizar a arte moderna para representar contos, lendas e tradições africanas, ou seja, criações artísticas a partir da herança cultural do Congo, se baseando na utilização das cores, vivacidade do povo e música como forma de energia. Os trabalhos da escola foram, logo de cara, reconhecidos internacionalmente por focarem em representar o quotidiano e momentos tradicionais da sociedade, como cenas em mercados, bailes de máscaras, cerimónias de iniciação etc.

Apesar da repetição temática, a diversidade expressiva entre os artistas ganhou destaque. Os pintores se preocupavam em não infringir os princípios apontados por Lods, criar constantemente obras inovadoras. Com originalidade, cada artista despejava a própria realidade na ponta de seu pincel e muitas vezes se baseavam tam-

bém na tradição dos ancestrais. Os temas, ainda que fossem os mesmos, reflectiam perspectivas distintas e apresentavam pinturas antes jamais vistas no mundo da arte.

Pierre Lods lançou o projecto em 1951, depois de descobrir uma pintura de um dos funcionários que trabalhava em sua casa, Felix Ossali. “Eu nunca tinha visto nada como aquilo nas artes africanas, as pinturas dele eram inegavelmente ‘negras’ e surpreendiam pela grandeza e pela magia que emanava delas”, afirmou Lods, que começou a estimular jovens sem formação e sem experiência a criarem pinturas a partir de suas vivências no mundo, por meio de objectos tradicionais como máscaras, esculturas, provérbios e poesias da África.

A impressão positiva das obras de Ossali fez do artista um dos símbolos da *École de peinture* de Poto-Poto, por retratar cenas marcantes do quotidiano da África e levar os trabalhos, ao lado de outros artistas, para o MoMA (Museu de Arte Moderna) de Nova Iorque, em 1956. Foi Felix Ossali quem inaugurou um dos estilos mais marcantes da escola, o estilo “Mikeys” ou “Miké Miké”, caracterizado pela utilização de tinta guache em cores fluorescentes e pelas impressões artísticas e lúdicas do dia a dia no Congo. A grande ascensão do “Mikeys” aconte-

ceu entre 1950 e 1954 e sinais desta técnica estão até hoje presentes nas obras dos pintores contemporâneos, como o talentoso Gotène.

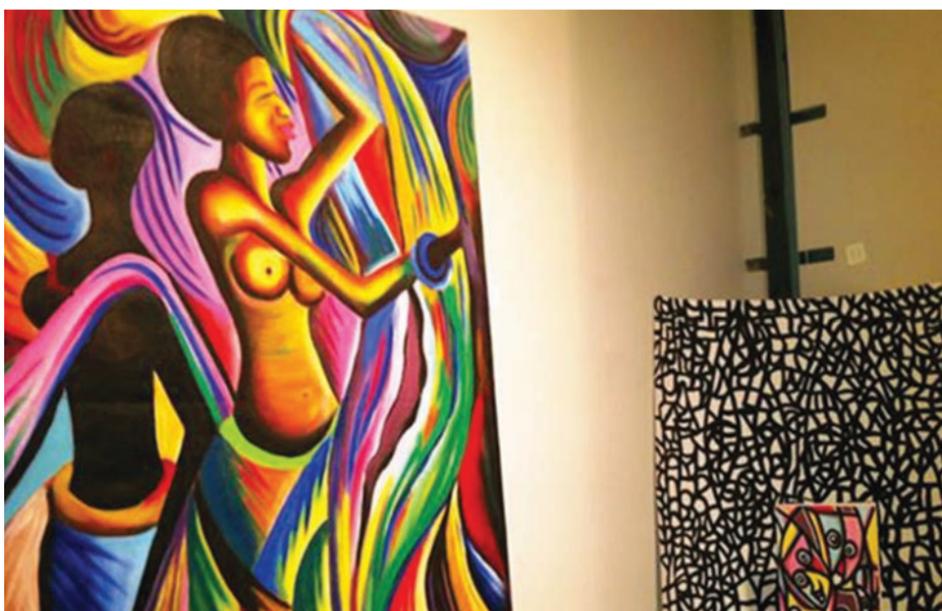
No entanto, em 1960, a instituição começa a viver um período de crise. Pierre Lods deixou Brazzaville para ir ao Senegal, a convite do presidente Léopold Sédar Senghor, onde eles criariam uma escola de pintura com o mesmo espírito de Poto-Poto. Em consequência disso, as ajudas do governo francês, que até então financiavam o projeto, foram canceladas. Durante alguns anos, a força criativa da *École de peinture* de Poto-Poto resistiu, por meio da organização de exposições feitas pelos artistas e dirigentes da escola, mas acabou sucumbindo às pressões das guerras civis e da crise dos anos 90, marcados por roubos, estragos nas obras e exílio de artistas.

Apesar dos episódios dolorosos, os pintores de Poto-Poto se reuniram e conseguiram recuperar as energias, trazendo mais tarde a organização de volta à activa. Juntos, transformaram a escola em uma cooperativa ao oferecer parte do benefício das vendas aos artistas e a outra percentagem a uma caixa comum da escola, para cobrir os gastos quotidianos, motivando assim ainda mais a permanência e aderência de novos alunos, que de outra maneira podem encontrar dificuldades de se

inserir no mercado e lucrar com a arte. Actualmente, ao todo, a escola possui 15 professores, cerca de 30 alunos e está sob a direcção de Pierre Claver Gampio. A formação na cooperativa geralmente dura três anos e a cooperativa é aberta a todos os públicos, sem distinção de idade, não exigindo do aluno qualquer conhecimento em pintura ou práticas anteriores.

Diversos pintores que possuem reputação internacional se formaram por esta escola, como Marcel Gotène, François Thango, François Iloki, Philippe Ouassa, Joseph Dimi, Nicolas Ondongo, Jacques Zigoma, Eugène Malonga e Laurentine Ngampika, que foi a primeira congoleza a ser tornar pintora profissional. Depois dela, outras mulheres descobriram seus talentos artísticos na *École de peinture* de Poto-Poto, como por exemplo, Nadine Alouna e Annie Moundzonta.

Hoje, a escola é reconhecida por grandes instituições como o Centre International de Civilisation Bantoue (CICIBA) e a Organization des Nations Unies pour l’Éducation, la Science et la Culture (UNESCO). Em 2002, na 7ª Bienal de Brazzaville, a UNESCO concedeu a medalha Picasso à *École de peinture* de Poto-Poto. Hoje, as obras deste templo lendário da pintura estampam paredes de grandes galerias de arte no Congo e pelo mundo.



DIONÍSIO ROCHA NA TRIENAL

UMA VÊNIA TARDIA MAS MERECEIDA

Uma chave de ouro para uma das figuras incontornáveis da música angolana. Assim se pode definir a homenagem, que já tardava, da organização da III Trienal de Luanda ao músico Dionísio Rocha. Momentos únicos que justificaram a escolha do artista para o encerramento do ciclo de homenagens do mês de Julho.

Músico, investigador, promotor e agente cultural, Dionísio Rocha é um dos nomes de referência das artes angolanas. Para tal, o artista decidiu não decepcionar o público e os deu o melhor das suas criações. Com Joy Artur e Nicinha Rocha, a sua filha, Dionísio Rocha justificou, pela recepção positiva da audiência, ter sido o indicado para completar o trio de “grandezas” de Julho do projecto, que já levou ao palco da Trienal o “rei” Elias dya Kimuezo e Carlos Lamartine.

Na proposta que apresentou ao público que aconteceu ao Palácio de Ferro no dia 28, sexta-feira passada, Dionísio Rocha abriu o espectáculo com “Luandos ao Luar”, acompanhado por Miguel Correia na percussão, Romão Teixeira na bateria, Masoxi Kim na didanca, Xico Madne e Nino Groba nos teclados, Quintino na viola ritmo, Mias Galheta na viola baixo, Tedy Nsingui na guitarra solo e coros de Mister Kim, Beth Tavira e Dorgan Nogueira.

Apesar do ritmo contagiante, proporcionado pelos instrumentistas, era o homenageado que ao soltar a voz ganhava mais a admiração do público. “Casacos de Fardo”, com as memórias do Marçal, “Madi Madi”, tema em kimdundu que dispensa apresentações, “Lamento 1970”, sobre a situação política antes da independência, foram os escolhidos antes da pausa.

Depois da Banda Movimento ter feito o público dançar com “Ngana António”, Dionísio Rocha regressou ao palco para brindar o público com “Mãe Negra”, “Eu Quero Mar” e “Mulher Angolana”, este último acompanhado por Nicinha Rocha, que também deu voz ao registo “Ai Compadre”, levando o público a levantar-se e a arriscar toques de dança.

Após o frenesim, nova pausa. Minutos depois o homenageado volta ao palco e dá aos fãs “Minha Cidade”, um samba-canção à nossa maneira, “Pembala Laka”, um registo folclore, “Xico Mocito Negro” e “Wábetele Wanguibe tele Kiá”, a última da noite.

A VOZE O PERCURSO

“Nunca é tarde para homenagear alguém e mais vale tarde do que nunca. São muitos anos de trabalho árduo. Portanto, não é pura vaidade, mas sim mérito próprio. Hoje, de certa forma, tardam as homenagens, as considerações e outros respetos e vénias que de facto não são sentidos aos que muito



fizeram pela música angolana. Agora, de repente um grupo de amigos recordou o que venho fazendo há muitos anos, ao que agradeço à equipa da trienal”, destaca Dionísio Rocha.

Com 65 anos de carreira musical, o artista chama atenção para a importância de um músico explorar mais as expressões nas suas exibições, não só através da letra, mas também do gesto.

Dionísio Rocha, autor de “Muconda Lemba”, “Semba Sambado”, “Cidade Linda”, “Mulher Angolana”, “Rumba Negra” e o dançante “Pembala Lata”, é natural de Benguela, onde deu os primeiros passos no mundo da música.

Na terra das “acácias rubras” fez parte do grupo infantil “Ngola Estrela de Benguela”. Em Luanda, aos 11 anos, ingressou no “Bota Fogo”, depois “Os Kimbandas do Ritmo” e “Os Negoleiros do Ritmo” e mais tarde apostou na carreira individual. “Luandos ao Luar” (2000) e “Mulher Angolana” (2013) são os seus trabalhos publicados a solo.

Como integrante dos Negoleiros do Ritmo, participou no single “Ai Compadre” (1964) e em temas como “Riquita”, “Mukonda Diá Lemba” e “Minha cidade”. Em 2006, o conjunto grava o CD “Sei que Queres Partir”. Ao longo da sua carreira trabalhou com nomes de referência da música angolana, da sua e outras gerações, com destaque para Carlitos Vieira Dias, Rufino Cipriano, Eduardo Paim, Betinho Feijó, Zé Fininho e Esaú Baptista.

DEPOIMENTOS

No final, a satisfação era visível no rosto de todos, artistas convidados e público. Para Nicinha Rocha “foi uma homenagem merecida”. “Como filha e fã é sempre uma honra estar ao seu lado. Hoje se notou uma coisa diferente, talvez por ser uma homenagem individual. Ele continua o mesmo, não mudou muito em palco nem como pessoa

nestes anos todos de convivência enquanto músico e figura ligada aos meios de comunicação social”, disse.

Dionísio Jr., filho do homenageado, acrescenta que foi um gesto certo da III Trienal lembrar os feitos do seu pai e em boa hora, porque já tem mais de 60 anos de carreira. “Foi um show que correspondeu as expectativas, apesar de ser apenas em uma hora. Agora precisamos é de empresários que invistam mais em músicos com potencial”, convida.

JULHO NA TRIENAL

Com voz e violão, Ângelo Boss foi uma das surpresas deste mês da Trienal de Luanda. Sábado e pela primeira vez naquele espaço, o músico recriou os sucessos que ao longo de décadas o tornaram um dos nomes de referência do mercado nacional.

Embora pouco visto nos palcos nacionais, Ângelo Boss provou que ainda consegue encantar os fãs, em temas como “Paula Sexy”, “Big Boss”, “Gato Preto”, “Kimbo Kuia”, “Cupido” e “Bebedeira”. Apesar de alguns temas terem sido interpretados com violão, o músico foi acompanhado noutros por Mayo Snake (teclado), K.D (guitarra baixo), Yarle Spin (guitarra solo), Dalú Rogée (percussão), Sílvio Nascimento “Vivito” (dikanza), Dorgan Nogueira e Betty Tavira (coros).

Outra referência do mês é o encerramento do projecto “Música Angolana”, que ficou sob a responsabilidade do grupo Kamba Dya Muenho, que na quinta-feira última, dia 27, terminou em grande uma iniciativa de três meses.

Desde a sua criação, em Maio, participaram no projecto, além do Kamba Dya Muenho, os grupos Kituxi, Ngami Maka e Semba Muxima. O objectivo foi resgatar e valorizar mais a música de raiz. Os espectáculos eram realizados todas as quintas-feiras, de forma

que este segmento musical alcançasse, não apenas o seu público, mas também uma plateia menos familiarizada com esta rítmica.

Lutuima Sebastião (hongo, puíta e voz), Agostinho António (ngoma solo), Martinho Fernando (dikanza), Manuel Cariongo (ngoma base) e António Nunes (mukindo) foram os protagonistas do concerto, que se centrou nos álbuns “ITA” (1996), “Kangoia” (1998) e “Ua Jiza” (2004).

Além da música, o palco da Trienal também foi marcado este mês pelo teatro, que ganhou vida no “frio do cacimbo” com as actuações de vários grupos. Um dos destaques foi o Núcleo Artes Pitabel, que apresentou, na quinta-feira última, o drama “O Preço do Fato II”, a sequência da peça “O Preço do Fato”, espectáculo que já tem mais de dez anos.

VALORIZAR A MEMÓRIA

No final do espectáculo, com o público a deixar o espaço, começa a incerteza de quem durante meses foi a Trienal de Luanda assistir a conceituados e novos nomes da música angolana mostrarem o seu melhor.

Com estes últimos “suspiros” da Trienal fica a preocupação de que poderemos voltar ao vazio de uma quase total falta de memória da música angolana feita até antes da década de 90.

O projecto, criado exactamente para acudir que grandes da música angolana ficassem fora de um circuito de inclusão como tem sido a trienal, por Sindika Dokolo, Fernando Alvim e Marita Silva, que não mediram esforços nem tão pouco pouparam bolsos ao definir, a nível da música, para estas homenagens darem “vida” ao slogan “resgatar a memória”.

O objectivo era claro: Dar à juventude a oportunidade de reaprender o seu conceito de música angolana.

PALÁCIO DE FERRO ACOLHE EXPOSIÇÃO DO SEU "CRIADOR"



O edifício do Palácio de Ferro, sede da III Trienal de Luanda, é palco da exposição fotográfica e vídeo sobre o arquitecto francês, Gustave Eiffel, numa organização da Embaixada da França em Angola, no âmbito da III Trienal de Luanda, reconhecido mundialmente como sendo o "mágico do ferro".

O tema da exposição, "Gustave Eiffel - O Mágico do Ferro", é uma proposta que aborda o universo Eiffel ao longo dos anos. Na ocasião, o Embaixador de França em Angola, Sylvain Itté, mostrou-se radiante pela homenagem. "Estou muito orgulhoso em saber que uma obra inspirada do seu talento é actualmente um dos lugares mais altos do património e da cultura em Angola", afirmou o diplomata.

Os visitantes encontraram, no piso superior e inferior, imagens de diferentes obras, entre as quais a "Ponte Rodoviária de Cubzac", em França, a "Ponte Maria Pia", na cidade do Porto, em Portugal, "Torre Eiffel", em França, a "Estação de Comboios de Nyugati", Budapeste (Hungria) e outras.

A amostra, que decorre de 15 de Julho a 15 de Agosto, das 10 às 21 horas, de Terça-feira a Sábado, expõe mais de 30 fotos e vídeos inéditos, apresentando as realizações e o legado do arquitecto em todos os continentes.

Engenheiro, arquitecto, empresário e cientista francês, Alexandre Gustave Eiffel, mais conhecido por Gustave Eiffel, fez literalmente magia, deixando a sua marca um pouco por todo o Mun-

do. Além da Torre Eiffel, é responsável por mais de 300 obras, desde a armação da Estátua da Liberdade, em Nova Iorque, ao Palácio de Cristal, em Guayaquil (Equador).

Nascido no dia 15 de Dezembro de 1832, em Dijon (Paris-França), Gustave Eiffel fez os estudos primários no Colégio Sainte-Barbe. Em 1852, ingressa na Escola Central de Artes e Manufacturas, especializando-se em Engenharia Química. Começou a sua carreira numa empresa de construção de caminhos-de-ferro. Aos 26 anos, constrói a ponte ferroviária de Bordéus.



As melhores criações de um dos talentosos e visionários da construção civil mundial foram apreciadas pelo público durante a III Trienal de Luanda

JANUÁRIO JANO APARECE AMBUNDULANDO NO CAMÕES

Ambundulando é o tema da mais recente exposição do artista plástico Januário Jano, patente de 26 de Julho a 19 de Agosto, no Centro Cultural Português, em Luanda.

Neste seu mais recente trabalho, o artista explora a relação entre passado e presente, recorrendo a elementos da memória pessoal, e memória colectiva, contextualizadas na história recente de Angola, com enfoque particular nos povos "ambundu".

Através de memórias gestuais, orais e simbólicas, o artista apropria-se de temas e aspectos da história e cultura "ambundu", de registos pessoais, de referências literárias e de questões da vida contemporânea de Angola, cruzando metodologias, processos de pesquisa, memórias pessoais e colectivas, numa forma de



abordagem muito própria.

O projecto AMBULANDO propõe-se ainda desconstruir e construir uma linguagem estética e visual que procura traçar uma etnologia pessoal e, simultaneamente, abrir novas perspectivas e possibilidades de compreensão do passado e do presente.

Januário Jano, natural de Luanda, trabalha principalmente com pintura, instalação, vídeo e fotografia, usando mistura de mídia e de diversos materiais para desenvolver rituais do seu trabalho.

O artista já participou em exposições colectivas e individuais dentro e fora do país bem como, premiado com "Art Laguna Prize" na categoria Business for Art, um dos mais prestigiados prémios de arte em Veneza, Itália.

A LENDA DA LAGOA DE XINJAMBUMBA



PEDRO ÂNGELO



A lagoa de Xinjambumba está localizada no município da Quilenda nas proximidades do rio Longa mas exactamente no seu último terço

A lenda que contamos a seguir foi publicada numa 1ª edição de 2013 num livro intitulado Lendas da Kilen-da, de Pedro Ângelo e Josefa Mige, editado pelo Ministério da Cultura/INIC, em comemoração do Dia da Cultura Nacional.

A estória insere-se no conjunto de Textos Populares Tradicionais dentro da classificação de textos sinliterários proposta por Pinto-Correia.

A estória apresentada é uma versão (fanerotexto) que se pode resumir no seguinte:

- Um Homem tem duas mulheres que, por sua vez, têm os respectivos filhos e vivem todos em harmonia – Situação Inicial.
- Um ano de seca traz consigo a falta de alimentos – Perturbação;
- O Homem procura minimizar a situação e num último esforço reparte, por sua única iniciativa, os alimentos que lhe restam – Transformação;
- A mulher que se sente prejudicada por uma repartição que assume como desigual, pois feita sem a participação das partes, abandona a casa com os filhos e alonga-se pela mata longe dos outros habitantes – Resolução;
- No sítio onde se acolheu, morreu e lá nasceu uma lagoa com um interdito: As mulheres não podem beber directamente da lagoa, a água tem de lhes ser fornecida por homem – Situação Final.

A Função de nível implícito:

Concluindo: Os interditos estão presentes em todas as culturas e retratados em diversos géneros de literatura oral. Repare-se no interdito do mito da génese relatado na Bíblia em que o primeiro homem não pode comer um

dos frutos que Deus, o seu criador, lhe colocou no jardim do Éden. Os interditos surgem como estratégias que regulam o comportamento humano, alertam para o respeito a regras, a normas de vida.

Por outro lado a actualização do conto remete-nos para um apotexto em que o móbil da lição a tirar é que a repartição de bens numa comunidade deve ser um acto participativo sob pena de ser interpretada como injusta ou desigual. As sociedades, e a família é um microcosmo que incorpora em si todas as responsabilidades assumidas pelos membros da sociedade, harmonizam-se porque se espera que cada parte do todo cumpra com equidade a parte que lhe cabe. Quando há quebra desse compromisso abre-se a porta a atitudes que poderão ser tidas como excessivas mas legitimadas pela reacção natural e universal à reparação do sentimento de injustiça que se instala.

A LENDA DA LAGOA DE XINJAMBUMBA

1

Numa aldeia vivia um homem chamado Zamba, bastante empreendedor, que amigou duas mulheres, a Donana e a Samba.

A Donana era a primeira mulher e o homem construiu-lhe uma casa à direita da sua onde vivia com os seus três filhos ainda crianças. O mais velho dos filhos era uma menina com dez anos.

À Samba, a segunda mulher, ele construiu, à esquerda da sua, uma casa onde esta foi viver e, com o andar dos tempos, povoou-a também com

três crianças sendo a mais velha uma menina com oito anos.

O homem e as suas mulheres eram muito trabalhadores.

Ano após ano as lavras, no momento certo, eram semeadas cuidadosamente de modo a que os celeiros estavam sempre carregados com milho e makoka com reservas suficientes para suprir as necessidades enquanto as novas colheitas não estivessem prontas para serem utilizadas.

A vida decorria de um modo agradável, sem grandes sobressaltos.

A chuva, o calor, o cacimbo, as colheitas, as queimadas, a caça, sucediam-se no momento certo e pessoas, animais, plantas e coisas harmonizavam-se.

Naquele ano o homem abriu novas lavras na mata já que as crianças estavam a crescer e com mais necessidades.

Já tinham passado duas luas depois das queimadas terem acabado. Mesmo a caça já se tinha afastado de novo e o tempo de preparar as lavras tinha chegado.

O céu escurecia para os lados do Kirimbu, como acontece todos os anos quando chega a época das chuvas.

2

Nas noites anteriores ouviram-se trovões.

A chuva deve estar a chegar para fertilizar os campos.

Os dias passam e os sinais nos céus ameaçam chuvas, mas em vez de estas regarem a terra os ventos levantam-se e atraem os corvos (kilombelombe) e juntos afastam-nas para outras terras (diz-se, lá para as terras planálticas da

Kibala).

Ao fim da tarde finalmente, depois de muito vento e raios e trovões, a chuva caiu rápida, e os campos encheram-se de braços apressados a lançar o milho à terra.

Os rebentos de milho já têm vinte centímetros e só mesmo de manhã cedo é que se erguem direitos, pois já há quase duas semanas que caiu aquela pancada de água e depois disso só a humidade do sereno e o vento.

O fim do ano está a chegar, aproxima-se o período das novas sementeiras, e a primeira colheita perdeu-se completamente. Só algum milho semeado nas baixas, pela crianças, vai dar algumas poucas espigas para se comerem frescas.

3

O celeiro de milho já se abriu e os grãos são aproveitados um a um e mesmo os iphubu (carolos) são aproveitados parcimoniosamente para dar aos animais.

O pequeno cacimbo este ano veio agreste. O ar está seco e as nascentes começam a secar uma a uma.

Os iphubu aproveitam-se agora para juntar à makoka, na boca do pilão, para fazer a fuba cuidadosamente repartida por todos.

O tempo das grandes chuvas não traz nada de novo. O céu apresenta nuvens que ameaçam chuva mas nada.

Só vento. Vento cada vez mais seco.

Os celeiros estão esgotados e as baixas do feijão macunde e de batata-doce estão também a ficar secas.

Como não choveu, todo o capim já está seco, e as queimadas surgiram bem mais cedo este ano.

A caça afastou-se, e os homens passam dias e dias na mata para regressarem com pequenos e magros jiphuku (ratos) que mal dão para alimentar os filhos mais novos.

Arrancam-se os últimos pés de mandioqueira.

Diz-se que para os lados do Ebo os gafanhotos surgiram como uma nuvem baixa escurecendo o dia e deixando atrás um rasto de terra queimada.

Os celeiros encheram-se de cabaças com gafanhotos mas por muito pouco tempo.

4

O homem senta-se pensativo, só e às escondidas, não quer que as mulheres nem os filhos adivinhem no seu rosto as angústias e dúvidas do seu pensamento preocupado com a sobrevivência da família.

Depois de uma noite mal dormida e agitado pelos lamentos dos filhos



Livro *Lendas da Kilenda* de Pedro Ângelo e Josefa Mige foi editado pelo Ministério da Cultura em comemoração do Dia da Cultura Nacional

mais novos, Zamba decide mais uma vez partir para a caça, mas desta vez dirige-se para as baixas do Keza.

Sai antes do sol nascer e leva a sua catana, a zagaia e uma cabaça com água determinado a regressar apenas quando conseguisse comida para dar aos seus filhos.

O dia clareou e Zamba ainda nada tinha encontrado. O capim está seco, o ar agreste vai fustigando-o mas nada o demove dos seus propósitos.

Deambula cansado por uma paisagem seca e desoladora onde parece não existir nenhuma forma de vida.

A noite aproxima-se rapidamente, e nem um rato só conseguiu ver.

Zamba está desesperado.

Ao longe na paisagem, recortado no lusco fusco do fim do dia, vislumbra a silhueta prometedora dum embondeiro.

Aproxima-se lesto e vê duas mukwas no chão.

Recolhe-as e limpa a poeira e a terra que o vento em sua orgia depositou sujando as suas cascas de pêlo castanho, curto e macio, que protegem com segurança os gomos agridocezes que ele imagina já a serem parcimoniosamente repartidos pelos filhos e apreciados com infinito prazer.

Com as duas cabaças de mukwa penduradas à cintura como se fossem rapacas, regressa a casa.

5

Era quase manhã quando Zamba

chegou a casa.

Suas mulheres dormiam, e sem as acordar entrou em casa de cada uma delas e depositou em lugar bem visível as mukwas.

Depois de feito isto, entrou no seu quarto. Despiu-se, passou pelo seu corpo cansado um pano molhado para se refrescar e deixou-se cair em sua esteira tendo adormecido logo de seguida.

6

O dia seguinte, estranhamente, iniciou-se calmo.

Como habitualmente, as crianças, uma a uma, foram acordando e depois de se prepararem, sem trocarem palavras, saíram para o quintal e com as vassouras de bissapas de folhas de palmeira (kyeze) varreram os respectivos quintais à frente e atrás da casa.

As mulheres, cada uma em sua casa, depois de cuidadosamente terem aberto as respectivas cabaças de mukwa, chamaram os seus filhos e por eles repartiram os gomos e estes fizeram uma refeição matinal como já não faziam há muito tempo.

A manhã já ia alta quando as crianças das duas mulheres, libertas dos trabalhos e já depois de terem matabichado, se juntaram, ansiosas por trocarem as novidades trazidas pelo pai que chegara, sem contarem, nessa madrugada.

A menor das seis crianças, filha de Samba, não partilhava a euforia dos ir-

mãos. Os três filhos de Donana mostravam-se bem mais loquazes que as restantes crianças. Os mais velhos da Samba pareciam contrafeitos ao partilhar a euforia dos seus irmãos e à medida que estes mais exteriorizavam a alegria que lhes proporcionou o consumo dos gomos de mukwa mais a menor se desgostava.

– A mãe Donana deu-nos gomos de mukwa que o pai trouxe. Os gomos eram tão doces! – Diziam, sem conter a sua alegria.

A criança menor, num acesso convulso de lágrimas corre para casa logo seguida dos seus dois irmãos enquanto os restantes, filhos de Donana, cantavam:

– O Papá gosta de nós! O Papá trouxe mukwa tão doce!

7

Samba, preocupada, ainda pensado em quantas refeições irá fazer com o que lhe resta da mukwa que Zamba lhe trouxera nessa madrugada, agita-se com a entrada tempestiva dos filhos.

A mais novita chora convulsivamente. As lágrimas e o ranho soltam-se molhando completamente a carita e abrindo carreirinhos por onde se precipitam até aos cantos da boca, deslizando daí, contornando o queixo e ensopando a gola desabotoada do bi-be.

– A mukwa que o Papá nos deu não

presta! – Balbuciu, entre soluços, a pequenita.

– É verdade mamã. – Disse a mais velha. – A mukwa que o Papá deu à mãe Donana é doce e a nossa é amarga.

Samba por um instante parou.

Passado esse instante eterno, do rosto de Samba desapareceram todos os traços de preocupação, de angústia, que o tinham ensombrado nos últimos dias dando lugar a vincos profundos de determinação. O seu rosto envelhecera décadas.

– Donika, prepara as coisas que podes levar e põe num saco. O vosso pai escolheu de quem gosta. Nós já não pertencemos a esta casa. Vamos embora. – Disse, com extrema delicadeza, Samba.

O Sol ainda ia alto quando Samba, com os seus três filhos, abandonou a casa e, sem nunca se ter voltado para trás, desapareceu pelo caminho de pé posto que muitas outras vezes fora pisado a caminho da lavra e agora a encaminhava não sabia para onde mas sem regresso.

8

Samba andava em passo seguro mas lento para que a sua filha Donika, que seguia atrás, a pudesse acompanhar.

A filha menor dormia nas suas costas e a outra ia bem segura na sua mão direita.

Já era noite mas à luz do luar e depois de há muito ter abandonado o carreiro que tantas vezes a levava à lavra, andava sem percalços e com grande determinação, como se soubesse exactamente qual era o seu destino.

Depois de muito andar, este estranho, insignificante e grandioso, corpo doloroso da humanidade, vislumbra a silhueta mais escura duma frondosa árvore e dela se aproxima.

Samba prepara, com folhas e capim, as alcovas onde ela e seus filhos irão passar o resto da noite agasalhados pelos braços generosos da árvore que os acolhera.

Deita-se depois de ter verificado cuidadosamente o sono das crianças e adormece logo de seguida.

Vai alto o dia. À luz clara do sol, ali, naquele sítio onde os pássaros testemunham que esteve Samba e seus filhos a dormir, espria-se desde esse dia a superfície espelhada da lagoa de Xinjambumba.

Contam os mais velhos e é ajuizado dar-lhes crédito, que as mulheres que passam por essas paragens não podem tirar água para se dessedentarem. Só os homens o podem fazer. As mulheres têm de se socorrer dos préstimos dum homem ou de um filho homem para que estes tirem a água e lhes dêem e só assim podem beber água da lagoa do Xinjambumba.

(A lenda foi recolhida por Pedro Ângelo da Costa Pereira e contada por Zwaki (Joaquim) Nzaji de 85 anos de idade, natural da Kasamba, Kilenda.)

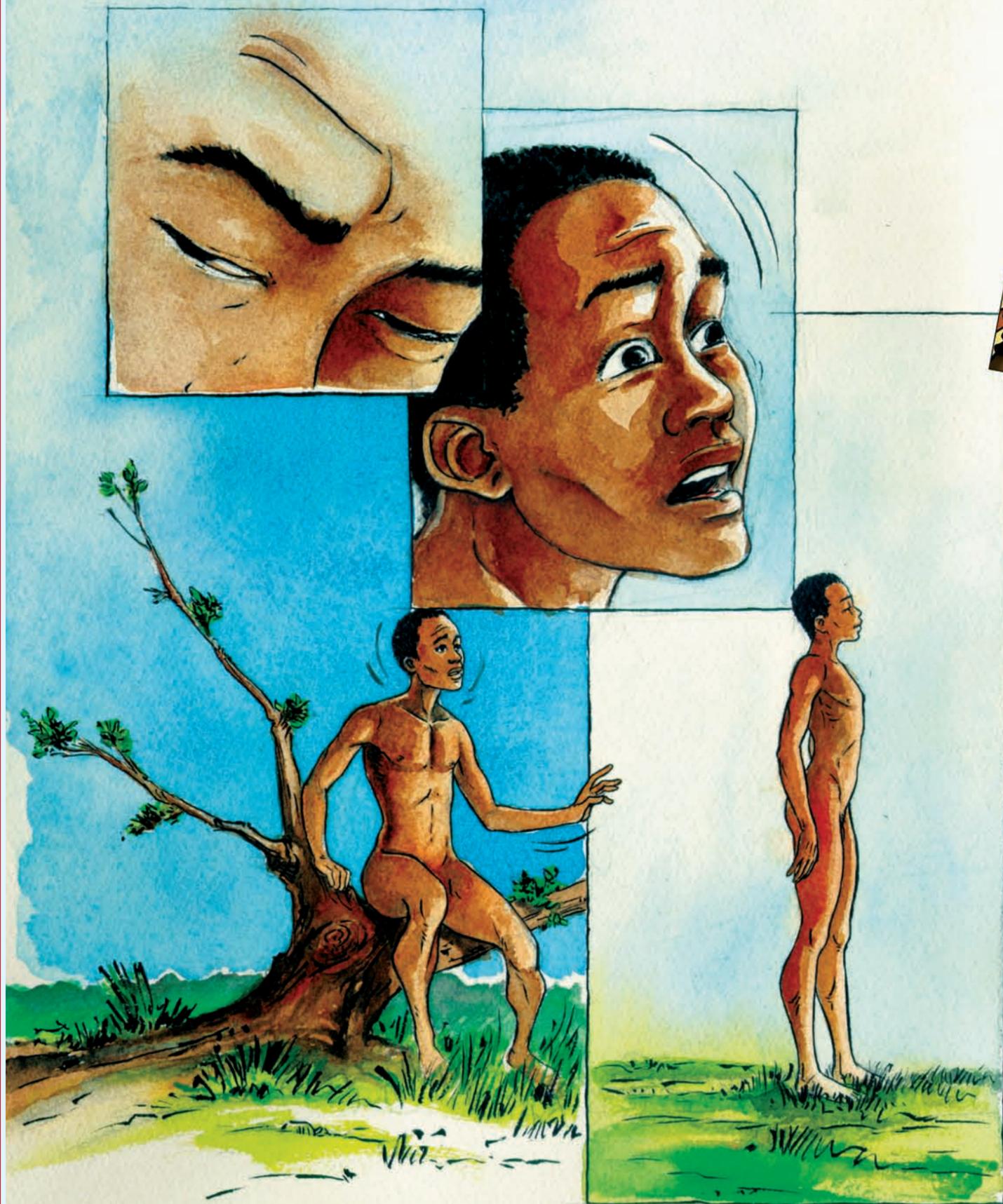
O Sonho

Nº 2

Argumento e desenho: Lito Silva Cor: Hugo Fernandes

Resumo da Prancha Anterior:

A realidade poluída nos oprime, nos deprime...



CONTINUA NO PRÓXIMO NÚMERO

PARADA dos
KANDENGUES
© Sisma Comics
www.sismacomics.com

A PUBLICAÇÃO
DA GAROTADA

A **18** ANOS

DESFILANDO
ALEGRIA



KZ
500,00

NÚMERO 25.

COM A HISTÓRIA
PARADA JURÁSSICA

VOCÊ PODE COMPRAR
NOS SEGUINTE LOCALS:

- BAZAR SEDUÇÃO
- LIVRARIA MENSAGEM
- DISTRIBUIDORA AFRICANA
- INIC
- COLÉGIO AFRICANO
- COLÉGIO KAALI
- COLÉGIO JOAQUIM MENDES
- COLÉGIO ALBERT EINSTEIN
- COLÉGIO JÚLIO VERNE
- SUPERMERCADO GOURMET
- LOJA PALMAS
- MADE IN ANGOLA
- BARBEARIA MAIANGA